

A AVALIAÇÃO DO TEXTO ESCRITO¹

EVALUATION OF THE WRITTEN TEXT¹

Micheli Mariel Decian²

Célia Helena Pelegrini Della Múa³

RESUMO

A avaliação do texto escrito tem sido foco nos debates que tratam sobre o ensino da língua portuguesa. Tal fato deve-se a concepções diversas a respeito dos elementos que constituem um texto, o que, necessariamente, leva a critérios diferenciados no processo avaliativo. Afim de discutir esse processo no Ensino Médio, na cidade de Santa Maria e de levantar possíveis soluções para as distorções nele encontradas, esta pesquisa buscou material para a análise na própria escola de Ensino Médio e subsídios teóricos na Lingüística Textual, já que os próprios Parâmetros Curriculares Nacionais de língua portuguesa preconizam um estreito intercâmbio entre o ensino de língua materna e a Lingüística Textual. Acredita-se que o professor necessite de amplos conhecimentos lingüísticos no momento da avaliação, para que esta realmente contribua para um bom andamento do aprendizado e não seja um mero instrumento utilizado para apontar desvios de ordem gramatical, os quais não garantem uma produção escrita satisfatória.

Palavras-Chave: texto, avaliação, ensino.

ABSTRACT

Evaluation of the written text has been the focus of debates that deal with the teaching of the Portuguese language. This is due to a variety of understandings concerning the elements which constitute a text, and which inevitably take to discrete criteria in the evaluation process. In the sense of discussing this process in high school in Santa Maria, RS, and to bring up a few possible solutions for the distortions found in this process, this research sought material for analysis in the very high school and the-

1 Trabalho de Iniciação Científica-PROBIC.

2 Acadêmica do Curso de Letras Português-Inglês - UNIFRA.

3 Orientadora - UNIFRA.

oretical basis in the Textual Linguistic theory. The National Curriculum Parameters for the Portuguese language teaching support a close interchange between the teaching of mother language and the textual linguistic theory. It is believed that the teacher needs ample linguistic knowledge for the evaluation situation, so that this may really contribute for the good development of learning and that it does not become a mere instrument used to show grammar mistakes. The later do not guarantee a satisfactory written production.

Keywords: text, evaluation, teaching.

INTRODUÇÃO

Em nosso dia-a-dia, freqüentemente, ouvimos queixas de professores de língua portuguesa. Eles relatam não ser satisfatória a produção escrita de seus alunos. Esse fato faz com que nos preocupemos com o que está acontecendo e no que deve ser feito para que alunos se tornem capazes de escrever uma produção escrita com qualidade.

Com este estudo, temos o intuito de avaliar a correção textual efetuada por professores de Ensino Médio de escolas públicas e particulares de Santa Maria. O estudo será centrado basicamente na correção do professor, pois acreditamos no pressuposto de que um aluno escreve a partir daquilo que lhe é cobrado no momento da correção. Assim, o aluno privilegiará, na sua escrita, o âmbito que o professor der maior importância no momento da avaliação, que pode ser a gramática ou o sentido carregado pelo texto.

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

A produção e avaliação de textos na escola são processos abrangentes e delicados, por mexerem diretamente com a individualidade do produtor do texto. Um texto é uma representação do que alguém pensa sobre determinado assunto, assim, essa manifestação em defesa de um ponto de vista deve se dar de forma que o receptor consiga percebê-la como um todo significativo. Então, concordamos com Costa Val (1991, p.3) para quem o texto é uma “ocorrência lingüística falada ou escrita de qualquer extensão, dotada de unidade sócio comunicativa, semântica e formal.” Ou ainda, “o texto se caracteriza por sua unidade formal, material. Seus constituintes lingüísticos devem se mostrar reconhecivelmente integrados, de modo a permitir que ele seja percebido como um todo coeso.”

Para que o aluno consiga escrever um texto, que realmente se confi-

gure como um todo dotado de sentido, é necessário que o professor aponte caminhos para seu aprendiz, deve demonstrar -lhe o que realmente é importante no texto. Será necessário ao aprendiz e ao professor também o conhecimento de como se estrutura um bom texto, o que nele deve estar contido para que se torne um todo semântico.

Segundo Koch (2001), um dos fatores que deverá estar presente no texto é a textualidade, para que a produção escrita seja aceita como tal, e não como um aglomerado de frases. A textualidade é conferida ao texto quando ele apresenta principalmente, além de outros, elementos de coesão e coerência. A coerência, segundo Costa Val (1991, p.5), é “fator fundamental da textualidade, porque é responsável pelo sentido do texto. Envolve não só aspectos lógicos e semânticos, mas também cognitivos na medida em que depende do partilhar de conhecimentos entre interlocutores.” Como, também, propõe Costa Val (1991, p.6) “É fácil verificar que grande parte dos conhecimentos necessários à compreensão dos textos não vêm explícita, mas fica dependente da capacidade de pressuposição e inferência do receptor.” A coesão é a manifestação lingüística da coerência, pois representa a maneira pela qual os conceitos se inter-relacionam, representando a unidade formal do texto, que pode ser construída através de mecanismos gramaticais ou lexicais. Mas, um texto não pode ser considerado como bem construído apenas por possuir elementos de coesão, pois deve apresentar sentido, para que possa ser entendido por seu receptor, como relata Costa Val (1991, p.8) “...uma seqüência de frases interligadas por marcadores lingüísticos de coesão que não correspondem a relações efetivas estabelecidas na estrutura lógico-semântico-cognitiva subjacente não seria um texto.”

Para Koch & Travaglia (1989), quando se produz um texto, além da coesão e coerência, como já foi mencionado, nos deparamos com outros fatores, como a intencionalidade, a aceitabilidade e em meio destas a intertextualidade. A intencionalidade diz respeito a pretensão do produto de exprimir algo com seu discurso, que pode ser uma informação, um pedido, uma ofensa, etc. Referindo-se a isso argumenta Costa Val (1991, p.11) que a “...intencionalidade diz respeito ao valor ilocutório do discurso, elemento da maior importância no jogo da atuação comunicativa.”

Em contrapartida à intencionalidade encontramos a aceitabilidade, que se refere ao receptor, a maneira como esse irá receber e interpretar a mensagem do produtor do texto. A análise do receptor vai variar de acordo com sua visão de mundo, sua forma de vida e princípios, pois a aceitação ou não de uma idéia contida no texto é algo bastante particular. Outro fator também presente na produção escrita é a intertextualidade, a

qual faz o cruzamento de idéias de autores diferentes, em prol de um mesmo raciocínio, pois vários textos só fazem sentido quando relacionados a outros textos que lhes sirvam de contexto.

Quanto aos aspectos contidos na produção escrita, podemos propor o relacionamento dos conceitos de texto e textualidade e construir a unidade textual, considerando o aspecto sociocomunicativo, através de fatores pragmáticos (intencionalidade, aceitabilidade, situacionalidade, informatividade e intertextualidade), o semântico através da coerência; e o formal, através da coesão.

Após o (re)conhecimento da relevância desses conceitos e a devida aplicação desses no ato de produção textual, certamente, o texto apresentará maior qualidade e significação tanto para o professor quanto para o aluno. No entanto, se o professor não considerar os conceitos anteriormente expostos e continuar se preocupando, apenas, com os aspectos estritamente gramaticais, o aluno, automaticamente, dará maior importância a esses e deixará de perceber a verdadeira importância da expressão escrita. É o que nos explica Geraldini (1996, p. 72) quando afirma que “o conhecimento gramatical é, pois um conhecimento necessário para aquele que se dedica ao estudo da língua, e seu sentido... Mas, é um conhecimento em seu todo, necessário para aquele que quer aprender a ler criticamente e a escrever exitosamente.” Ou ainda, nas palavras de Costa Val (1994, p. 108) “a ortografia e a pontuação nada tem a ver com a essência, substância do texto, com o texto em si. Tem a ver com a maneira de representá-lo através do código escrito. Sendo assim o aluno passa a pensar que para a escola é a aparência e não o conteúdo.” Dessa forma, verificamos ser necessária uma visão do texto que busque sua essência, que o professor faça seu aluno entender que uma produção textual não é um texto sem erros ortográficos, mas, sim, um texto que transmita, o qual passe uma mensagem, fazendo com que o leitor crie interesse pelo conteúdo semântico carregado pelo texto, para que possa inferir e interagir a partir do que leu.

Expõe Ilari (1997, p. 73): “O ponto de vista que pretendo desenvolver é que essa pedagogia da redação é inadequada e estéril; resulta de um preconceito, infelizmente generalizado em nossas escolas, em favor da gramática e contra o ensino da expressão”. Percebemos que, segundo o autor, o professor deve avaliar mais o sentido do texto, o que ele pretende comunicar e expressar ao leitor e deixar de olhar, apenas, o âmbito gramatical, pois senão, corremos o risco de ter um esvaziamento do sentido em detrimento da forma e sabemos que ambos devem ser indissociáveis.

Nas redações escolares, os professores se preocupam mais em avaliar a língua escrita, em conformidade com a norma padrão, ou norma-

tiva deixando de lado as variações lingüísticas de nosso contexto social e, principalmente, a avaliação das redações exclui aquilo que é o mais importante da produção escrita, que é o seu sentido, aquilo que o aluno gostaria de transmitir ao seu leitor. Isso é evidenciado quando o professor, ao se deparar com uma grafia incorreta, não penetra no texto em busca de elementos que o justifiquem.

A produção escrita pode, pois, ser considerada um processo muito delicado, devido ao fato de as pessoas se expressarem de maneira particular, o ato de escrever possui características individuais do produtor do texto, as quais vão de acordo com sua visão de mundo, pontos de vista, a realidade na qual se encontra, entre outros. De acordo com Koch & Travaglia (1978), outro aspecto a ser avaliado, com cuidado, são as inferências que os alunos fazem ao produzir um texto, pois se o professor for avaliar apenas gramaticalmente um texto, essas marcas do autor poderão passar em branco. Esse fato faz com que percebamos que o ato de avaliar, inclui uma visão totalizante do texto e também das particularidades que poderão ser expressas pelo produtor do mesmo, as quais certamente terão valor semântico significativo dentro de determinado contexto, pois no momento em que o aluno escreve, ele tem um objetivo ao relatar ou expressar de tal forma uma idéia. É o que evidencia Ilari (1997, p. 82) “A variabilidade dos objetivos em situações concretas é extrema, e a capacidade de perceber essa variação é um objetivo não só legítimo, como prioritário.”

Em nosso contexto social, encontramos diferentes variedades lingüísticas que não seguem a norma culta, os textos, muitas vezes, encontram-se impregnados de desvios ortográficos, devido à influência da oralidade. Porém, os possíveis desvios causados pela oralidade nada têm a ver com a capacidade de produção escrita ou interpretação do aluno. Isso é evidenciado por Geraldi (1996, p. 23) “O mesmo aluno que fala diferente é capaz de compreender (e relatar) textos (uma novela, por exemplo) expressos na variedade considerada certa (dialetto padrão culto)”. Ainda o autor relata “Trata-se, portanto, de explorar semelhanças e diferenças num diálogo constante e não preconceituoso entre visões de mundo e modo de expressá-las”. Então, para que os estudantes consigam aprender a redigir um texto é necessário que o professor use métodos variados, os quais devem servir para orientar o aluno em futuras produções escritas e não apenas para apontar um erro anteriormente cometido. Em se tratando de métodos, Ilari; (1997) orienta para uma prática pedagógica em que o trabalho de assinalar o erro, classificá-lo, propor alternativas corretas e exigir a observância dessas últimas nas próximas redações seja uma atividade constante.

AVALIAÇÃO DO TEXTO ESCRITO

A avaliação da produção escrita de um aluno é uma tarefa complexa, que deve ser realizada com muito cuidado, para que não inibamos o aluno no ato da escrita e também para que não passemos uma impressão errada do ato de escrever .

Quanto a isso, relata Pécora (1999, p. 45) :

Muito freqüentemente, o que acaba ocorrendo é que o aluno adquire uma imagem escolar da linguagem em que ele não tem lugar - quanto muito o seu lugar é o de quem não pode olhar para os lados e precisa de nota - e que o torna avesso a tudo que se refira a ela: Deus me livre de português!

A imagem escolar errada, acima mencionada, diz respeito ao ensino e valorização demasiados dados à gramática, pois o aluno passa a pensar que não sabe escrever corretamente, porque não domina as regras gramaticais e suas exceções. Quanto a isso, Geraldi (1996, p.61) afirma:

As diferentes instâncias de uso da linguagem e as diferentes variedades lingüísticas apontam para as outras aprendizagens a se darem na escola, aprendizagens possíveis pelo deslocamento do que tem sido considerado o “conteúdo de ensino” de aulas de língua portuguesa, recuperando as próprias atividades dos sujeitos falantes como inspiração do trabalho escolar.

Percebemos que o professor possui papel determinante no contexto escolar de avaliação, pois se ele cobrar somente gramática na correção das redações estará fazendo com que o aluno não desenvolva o seu senso crítico, sua capacidade de argumentação, em fim, o aluno apenas repetirá regras, o que não garante, de maneira nenhuma uma produção textual.

As normas gramaticais não conferem sentido ao texto, nem desenvolvem a capacidade argumentativa do aluno que é o que denota a personalidade, as marcas do autor em um texto e principalmente o que confere valor semântico à produção escrita, que passa a ter um autor com caracte-

rísticas de agente no texto e não aparece apenas como paciente na elaboração da linguagem.

Os fatores mencionados permitem concluir que se o professor souber avaliar um texto, cobrando sentido, uma idéia bem desenvolvida, o aluno será motivado a escrever. E, principalmente, será motivado a escrever de maneira significativa e passará a ver a produção escrita como um ato interessante e não como uma obrigação na qual o aluno preenche um dado número de linhas apenas para cumprir sua função de educando, como se essa prática nada tivesse a lhe acrescentar em termos de conhecimento.

A forma equivocada de correção da produção escrita, muitas vezes, faz com que o aluno se distancie da linguagem escrita, e, como sabemos, isso é muito prejudicial, pois a linguagem é uma forma de liberdade, através da qual podemos demonstrar o que pensamos e o porquê desse modo de pensar. Mas essa liberdade só será valorizada pelos professores se esses não derem importância exclusiva à correção das regras gramaticais. Quanto a isso relata Geraldini (1999, p. 69) “a noção de erro é uma questão lingüística estrita, mas deriva de uma eleição social de uma das variedades como a certa”. Referindo-se a esse mesmo fator explicita Pécora (1999, p. 51):

Ao assimilar esse tipo de imagem “complexa e extensa” da escrita, o que leva o aluno a proceder às associações de um período nem sempre é o interesse em fazer significar, nem sempre ele visa a efetivação de nexos semânticos. Pois o efeito mais evidente dessa imagem contraditória é, justamente, desligar o valor do desempenho escrito, do valor de uso da linguagem da instauração de um processo significativo. Nesse nível, o aluno passa a concentrar-se exclusivamente na descoberta de procedimentos formais de ocupação do espaço em branco.

Ainda relata Pécora (1999, p. 51):

Em vez de fornecer-lhe um conhecimento das especificidades dessa modalidade da linguagem, que não é espontânea, a fim de que também aí seja capaz de significar, de atuar sobre o outro, de construir referências para a própria ex-

periência, o processo escolar tende a confinar a escrita nos limites de alguns moldes prévios, impermeáveis a usos individualizados e presentes, distante do mundo diversificado que faz sentido para o aluno naquele momento de aprendizado.

O professor, ao avaliar apenas normas gramaticais, não está colaborando para o desenvolvimento intelectual de seus alunos, ou seja, o professor apenas está incentivando a memorização e essa não leva ao conhecimento da linguagem, leva apenas ao conhecimento de regras gramaticais.

Outro problema bastante freqüente nas redações é a artificialidade no ato de escrever, a impessoalidade atribuída ao texto. Muitos alunos fazem uso de frases prontas em sua produção escrita, algo que certamente causará um certo impacto, uma admiração no professor. Para Geraldi (1996, p. 104), “Palavras alheias, estrangeiras, de um saber que se apresenta como pronto, acabado. Não uma construção dialógica de construção, mas relação hierárquica de imposição.” Essa ocorrência é prejudicial, pois os alunos estão usando o discurso de outra pessoa como se fosse o seu e o texto por eles produzido acaba se tornando algo sem posicionamento por parte de seu autor.

No momento em que discutimos a respeito da subjetividade, o professor precisa estar sensível a vários fatos no momento da avaliação da produção escrita, pois um educador, ao avaliar, deve ter presente o fato da variedade cultural e dialetal de nosso país. Esse aspecto deve ser avaliado, para que o aluno ao reproduzir uma linguagem coloquial na escrita não saia da sala de aula ou da escola pensando que não sabe produzir um texto, pelo fato de possuir desvios quanto à norma padrão. O professor deverá chamar a atenção para os desvios gramaticais, mas sua atenção maior tem que estar voltada para o sentido do texto.

Assim, podemos perceber que professor e aluno precisam alcançar um entendimento do que seja um bom texto, para que o primeiro efetue uma avaliação adequada e o segundo consiga discernir o que é uma produção escrita de qualidade. Assim, o professor irá motivar seu aluno a escrever um texto, que realmente expresse algo, de modo que se aprenda uma língua através de seu uso, do seu manuseio e não somente a partir de regras e correção de erros ortográficos, pois para que uma pessoa consiga alcançar um bom grau de intelectualidade, de ela precisa saber argumentar, a fim de que seu ponto de vista seja aceito não parando a exigência por aí, pois “não se quer mais um cidadão que reconheça a herança cultural, mas que se torne um produtor de cultura” Geraldi (1996, p.63).

Podemos perceber, então, o quanto é importante o ato de escrever e, para que esse se torne uma prática constante e repleta de interação, é necessário que o professor execute, de maneira coerente, o seu trabalho, centrando-se no que realmente contribui para o desenvolvimento do aluno e não apenas fazendo com que ele seja um mero repetidor de regras e normas preestabelecidas.

AVALIAÇÃO NA RELAÇÃO ENSINO / APRENDIZAGEM

A avaliação, no contexto escolar, é algo marcante e está presente a todo momento em sala de aula, pois o professor ao deparar-se com uma turma faz um juízo prévio e avalia quem são os bons e os maus alunos já no começo do ano letivo, muitas vezes, esse juízo permanece por todo o ano, mesmo sendo equivocado, como relata Veiga (1995, p. 134):

Um professor que, por exemplo, rotula uma determinada turma de ‘incapaz’ ou de “bagunceira” e, mesmo em situações que demonstrem uma evidente mudança no comportamento dos alunos não consegue ultrapassar esse juízo inicial, apresenta uma atitude cristalizada, preconceituosa face a turma.

No momento em que o professor se torna mais aberto, ele conseguirá perceber também que é muito mais importante uma avaliação qualitativa do que quantitativa, já que, a partir da avaliação se busca alcançar objetivos, ampliar conhecimentos e não simplesmente memorizar algo para o momento da escrita, buscar apenas um texto em que tudo esteja no seu devido lugar, sem erros gramaticais, mas com pouco sentido.

A partir de um trabalho bem desenvolvido, o aluno alcançará os objetivos traçados pelo professor. Libâneo (1994, p. 205) afirma que “O professor que compreendeu o conceito e as funções da avaliação concluirá que, se o processo de ensino for bem conduzido, as provas parciais ou finais serão apenas o reflexo do seu trabalho”. Os resultados finais serão satisfatórios e isto estimulará o estudante ainda mais para o estudo.

Para que os alunos possam ser motivados, é necessário que o professor consiga criar um clima favorável dentro da sala de aula, em que os alunos não se sintam reprimidos, possam manifestar suas dúvidas e incompreensões em relação ao que está sendo aprendido. Sem que o professor esteja a todo momento fazendo uma análise avaliativa do

aluno, pois, se o professor estiver sempre corrigindo o aluno, tanto na fala quanto na escrita, esse aluno irá se fechar para um real aprendizado. O aluno vai passar a pensar que o que realmente importa é a memorização de regras e exceções, o que certamente o fará perder o interesse pela escrita de sua própria língua.

Para que a avaliação alcance seus verdadeiros objetivos, Veiga (1995, p. 142) demonstra que:

O professor precisa ter a preocupação de, no decorrer do processo, utilizar diferentes meios através dos quais os alunos tenham oportunidades de demonstrar o seu aprendizado, as relações que vem estabelecendo entre o novo conhecimento e as aprendizagens anteriores, e as relações que fazem entre o conteúdo aprendido e a realidade histórico-concreta em que se situam. Para isso deve o professor propor a execução de diferentes atividades pelos alunos, elaboradas em grupo ou individualmente, como a realização de experimentos, elaboração de projetos, participação em discussões, etc.

Quando isso acontecer, o professor terá uma visão mais ampla das capacidades de seu aluno, sem fazer juízos prévios que normalmente rotulam um aluno como sendo bom, e por isso merece boa nota, em detrimento da punição (má nota) para os desinteressados ou indisciplinados.

A análise de todos os alunos permitirá a determinação da eficácia ou não do processo de ensino como um todo e as reorientações necessárias.

Outro fator que deve estar presente no processo avaliativo é a auto-avaliação tanto dos professores como dos alunos. Essa prática ajudará a detectar mais facilmente os problemas que impedem a assimilação dos conteúdos por parte dos alunos e proporcionará aos professores modificar sua metodologia, caso o resultado da avaliação por ele realizada não seja satisfatória. A auto-avaliação auxiliará o aluno a desenvolver a sua capacidade crítica, o que é tão valorizado em nossa sociedade e nos objetivos do ensino transformador. O professor, com a auto-avaliação, tem a possibilidade de melhorar seu trabalho, pois refletirá sobre suas concepções, suas verdades e o seu conhecimento.

A avaliação, portanto, deve servir para auxiliar os alunos, em vários aspectos e não apenas ser utilizada para a atribuição de notas e concei-

tos, contribuindo assim, para um desenvolvimento pleno do indivíduo. As atividades avaliativas devem propiciar o desenvolvimento intelectual, social e moral dos alunos e diagnosticar como a escola e o professor estão contribuindo para isso. É preciso que todos os educandos desenvolvam suas potencialidades físicas e intelectuais, seu pensamento independente e criativo, tendo em vista tarefas teóricas e práticas, já que esse é o objetivo do processo de ensino e de educação.

METODOLOGIA

A proposta metodológica deste projeto é baseada em uma revisão bibliográfica, a qual subsidia o embasamento teórico para posterior aplicação. A pesquisa de campo também fez parte do estudo, por se tornar necessária para o estabelecimento dos objetivos. Houve a coleta de dados, que foram as redações de alunos em três escolas do Ensino Médio¹, públicas e particulares da cidade de Santa Maria, já corrigidas pelos professores.

Tendo em mãos o material, partimos para a averiguação da correção do professor, quando verificamos o âmbito privilegiado no momento da correção, enfocou-se gramática ou o sentido do texto, pois é a partir do enfoque que o professor dá à correção que o aluno se baseia para a produção de seus textos.

Após o levantamento dos dados e sua avaliação, partimos para a elaboração do texto final da pesquisa, contendo os resultados, nos quais verificamos que a correção textual não vem sendo realizada de maneira satisfatória.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Através da pesquisa realizada, verificamos como vem sendo efetuada a avaliação de textos escritos no Ensino Médio. Foram analisados os critérios utilizados pelos professores no momento da correção, a fim de verificar o enfoque que eles dão à avaliação, se privilegiam os critérios de textualidade propostos por Costa Val (1991), que são a intencionalidade, aceitabilidade, situacionalidade, informatividade e intertextualidade, ou se apenas enfatizam o aspecto formal da língua, dando a falsa idéia ao aluno de que, para escrever de maneira satisfatória, basta não cometer desvios de ordem gramatical.

No decorrer da pesquisa, colhemos os dados em três escolas da cidade de Santa Maria, havendo entre elas escolas públicas e particulares. Nesse momento, partiremos para a análise da correção presente nas redações, para que verifiquemos como o professor vem avaliando e, dessa

forma, encaminhando seu aluno para uma próxima produção escrita.

Na primeira escola, foram averiguadas doze redações, observamos o seguinte, na análise das produções escritas:

- Apenas uma redação apresenta correção considerada satisfatória, o professor avaliou tanto a gramática como o conteúdo carregado pelo texto, através de uma tabela de valores. Assim, mostrou ao aluno que, para seu texto ser bom, precisa de ambas as partes, gramática e conteúdo, pois fazendo uso apenas da primeira a redação não se justifica, por não passar uma mensagem, a defesa de um ponto de vista, já que este é o objetivo maior da produção escrita.
- Três redações apresentam correção exclusivamente gramatical, o que não confere ao aluno um bom encaminhamento para a próxima produção escrita, pois não apontam as incoerências presentes no texto, e fazem-no me crer que o objetivo da produção escrita é o exercício de atividades formais, em que não é analisado o conteúdo de sua expressão e sim a maneira como se expressa (formalmente ou não).
- Em duas redações não é efetuada nenhuma correção, apenas são atribuídos uma nota ou conceito. Essa maneira de avaliar os textos não contribui para o aperfeiçoamento das próximas produções do aluno, pois não são mostrados novos caminhos a serem seguidos. Com a atribuição dos conceitos ou da nota sem que o professor teça comentários sobre a redação, o aluno, mesmo que obtenha um conceito ótimo não entenderá por que recebeu tal avaliação e, da mesma forma a nota, sem ser especificada por que foi boa ou ruim, o aluno permanece sem saber o que está adequado e o que está inadequado em sua produção escrita.
- Em seis redações não é efetuada nenhuma correção, nem de ordem gramatical, nem de conteúdo. Assim como também não é atribuída uma nota ou um conceito. Dessa forma, o professor em nada contribui para o desenvolvimento da capacidade de comunicação, via língua escrita, de seu aluno. Nem ao menos o incita a verificar as modificações e melhoramentos para uma posterior reescritura do texto ou de um texto que possua nova temática. Sendo totalmente deficitário o processo de avaliação de textos escritos.

Pela análise da avaliação de treze redações, na segunda escola, verificamos que:

- Onze redações apresentam apenas correção gramatical e estrutural, em que o professor não aponta nenhum caminho para seu aluno, a fim de alcance uma produção escrita de boa qualidade. Na correção do professor, não há o comprometimento com o conteúdo carregado pelo texto e nem pela sua melhoria, apenas são apontadas maneiras para que o texto se adeque às regras estruturais e formais, através de uma melhor organização entre os parágrafos, a correção de desvios ortográficos e a adequação vocabular.
- Duas redações não apresentam as marcas da correção do professor, apenas é atribuído um conceito. Através desse método de avaliação textual, o aluno não fica a par do que está satisfatório e do que precisa, ou pode, ser reformulado na produção escrita para que realmente seja considerada de boa qualidade.

Na terceira escola, a avaliação se deu a partir de oito redações, com os seguintes resultados:

- Cinco redações apresentaram correção exclusivamente gramatical, em que o professor ao avaliar não primou pela mensagem a ser transmitida pelo produtor do texto. Os critérios semântico-pragmáticos que conferem qualidade ao texto não foram valorizados, em detrimento dos critérios formais, como a verificação de desvios ortográficos, adequação vocabular, concordância verbal, entre outros.
-
- Duas redações apresentam apontamentos nos quais o professor questiona o aluno sobre os aspectos gerais do texto, a fim de que ele formule uma introdução, por ser esse o aspecto deficitário presente na produção escrita segundo o professor. Com essa forma de correção, o professor subsidia ao aluno maneiras de verificar onde precisa reformular seu texto, contribuindo para o crescimento do aluno, por lhe fazer ver e refletir sobre o próprio texto a fim de melhorá-lo.
-
- Uma redação apresenta correção puramente gramatical, porém o professor adotou uma postura diferente no momento da avaliação. Apointou os desvios e posteriormente explicou qual seria a forma correta dos usos anteriormente mal empregados, segundo a gramática normativa da língua. Essa correção proporciona ao aluno um maior conhecimento de normas, mas não garante uma produção escrita de boa qualidade, por ser o objetivo maior da produção textual o uso da linguagem, a de-

fesa de uma forma de pensar, a maneira de se portar diante de um fato polêmico e argumentar o porquê de optar por determinada opinião.

Partindo da análise efetuada, verificamos que o processo avaliativo no Ensino Médio não vem sendo efetuado de maneira satisfatória, pois os professores, em sua grande maioria, primam pela avaliação do aspecto formal, em detrimento do conteúdo carregado pelo texto. Esse procedimento não contribui para o bom aprendizado e assimilação do que seja um bom texto pelo aluno, pois não aponta os caminhos a serem seguidos para a reescritura de um texto ou para próxima redação. A correção gramatical, além de não dar um bom encaminhamento ao aluno, passa uma imagem falsa e pobre da redação, porque influencia o educando a pensar que, para que seu texto seja satisfatório, basta que não contenha desvios gramaticais, passando a enfatizar esse aspecto no momento de redigir seus textos.

Verificamos que os professores vêm propondo a redação para avaliar gramática, conferindo ao ato de escrever um objetivo equivocado, pois, segundo os PCNs de língua Portuguesa, o objetivo da produção textual é o desenvolvimento da linguagem, o aluno deve aprender a expressar-se, a fim de que adquira a capacidade de defender coerentemente um ponto de vista, uma opinião sobre determinado assunto. Dessa forma, o aluno irá adquirir maior autonomia, não se deixando influenciar por opiniões alheias ou mesmo por “chavões” que ouve no dia-a-dia, não os tomando como verdades.

CONCLUSÃO

Tendo sido efetuada a averiguação dos dados, que foram as redações já corrigidas por professores de escolas públicas e particulares de Ensino Médio da cidade de Santa Maria, verificou-se que o enfoque da avaliação do texto escrito tem sido direcionado para a correção gramatical, em detrimento do conteúdo carregado pelo texto.

Dessa forma, a avaliação do texto escrito tem sido deficitária, pois ao primar exclusivamente pela forma, deixa de lado aspectos de grande relevância, como os aspectos semântico-pragmáticos, os quais conferem ao texto valor, porque é por esses aspectos que o texto se fundamenta para transmitir uma mensagem. Outro prejuízo que a correção gramaticalista acarreta ao aluno é o fato de não lhe mostrar caminhos, pois não aponta as modificações que o aluno precisa fazer em sua produção escrita para que seja satisfatória.

Essa forma de avaliação também se opõe ao que estabelecem os PCNs de Língua Portuguesa, por não dar o devido valor ao desenvolvimen-

to da capacidade comunicativa e argumentativa do aluno, pois os PCNs primam pelo aprimoramento da linguagem, vista como meio com o qual o aluno pode defender suas concepções, tornando-se um ser autônomo, que não se deixa levar por conceitos de caráter geral, devido ao fato de saber formular suas próprias opiniões, embasadas por uma boa argumentação, a qual seja coerente e concisa. Porém, não é o âmbito referente aos aspectos semântico- pragmáticos que vem sendo enfatizado pela correção, mas sim, o âmbito referente às formas gramaticais.

Concluimos então que a correção dos textos escritos, efetuada pelo professor não tem contribuído para o desenvolvimento da capacidade do aluno redigir bons textos, o que indica a ineficiência do processo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COSTA VAL, Maria da Graça. **Redação e textualidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

GERALDI, João Wanderley. **Linguagem e ensino**. São Paulo: Mercado Aberto, 1996

ILARI, Rodolfo. **A lingüística e o ensino da língua portuguesa**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

KOCH, Ingedore G. V. **A Coerência textual**. São Paulo: Contexto, 2001.

KOCH, Ingedore G. V.; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Argumentação e linguagem**. São Paulo: Cortez, 1978.

KOCH, Ingedore G. V.; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. 1989. **Texto e coerência**. São Paulo: Cortez, 1989.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

PÉCORA, Alcir. **Problemas de redação**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

VEIGA, Ilma Passos de Alencastro. **Repensando a didática**. São Paulo: Papirus, 1995.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

FÁVERO, Leonor Lopes; KOCH, Ingedore G. V. **Lingüística textual**: introdução. São Paulo: Cortez, 1998.

KOCH, Ingedore G. V. **A Coesão textual**. São Paulo: Contexto, 1996.